

ARQUITETURA SENSÍVEL PARA OS DISCENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA ANÁLISE DO AMBIENTE ORGANIZADO E SEU IMPACTO NA APRENDIZAGEM

SENSITIVE ARCHITECTURE FOR STUDENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD): AN ANALYSIS OF THE ORGANIZED ENVIRONMENT AND ITS IMPACT ON LEARNING

ARQUITECTURA SENSIBLE PARA ALUMNOS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA (TEA): ANÁLISIS DEL ENTORNO ORGANIZADO Y SU REPERCUSIÓN EN EL APRENDIZAJE

Enedina Leite Ribeiro¹

Débora Araújo Leal²

RESUMO: O presente tema aborda as ligações entre autismo e espaço construído, temática em plena ascensão no meio científico em todo o mundo. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica. Como responsáveis pela criação de ambientes que correspondam às necessidades dos seus usuários, arquitetos em todo o mundo procuram discutir as relações entre as diretrizes arquitetônicas necessárias para a construção de um espaço adaptado às pessoas com TEA. Tendo em vista que o autismo provoca limitações na percepção sensorial do indivíduo e que nossos sentidos, se faz necessária a discussão para o entendimento da influência espacial em pessoas com autismo e de como se pode oferecer ambientes mais amigáveis às suas necessidades sensoriais. Apesar das evidências da importância do ambiente para o aprendizado de pessoas autistas, a lei não orienta nem faz menção sobre a adaptação do espaço físico. O intuito deste escrito é identificar, à luz da Sintaxe Espacial, teoria que estuda a configuração dos espaços físicos e suas influências nas relações sobre ele estabelecidas, os critérios arquitetônicos, utilizados na elaboração de espaços de aprendizagem voltados para pessoas com TEA e como esses critérios se configuram nos projetos analisados.

271

Palavras-chave: Espaço Físico. Adaptação. Transtorno do Espectro Autista (TEA). Inclusão.

ABSTRACT: This theme addresses the links between autism and built space, a theme on the rise in the scientific world around the world. The adopted methodology was the bibliographical research. As responsible for creating environments that meet the needs of their users, architects around the world seek to discuss the relationships between the architectural guidelines necessary for the construction of a space adapted to people with ASD. Bearing in mind that autism causes limitations in the individual's sensory perception and our senses, a discussion is necessary to understand the spatial influence on people with autism and how more friendly environments can be offered to their sensory needs. Despite the evidence of the importance of the environment for the learning of autistic people, the law does not guide or mention the adaptation of the physical space. The purpose of this paper is to identify, in the light of Space Syntax, a theory that studies the configuration of physical spaces and their influences on the

¹Mestra em Ciências da Educação. Professora da Rede de Ensino do Mato Grosso – MT.

²Pós - Doutora pelo Instituto Universitário Italiano de Rosário IUNIR-AR. Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Feira de Santana – BA.

relationships established upon them, the architectural criteria used in the elaboration of learning spaces aimed at people with ASD and how these criteria are configured in the analyzed projects.

Keywords: Physical space. Adaptation. Autistic Spectrum Disorder (ASD). Inclusion.

RESUMEN: Este tema trata de los vínculos entre el autismo y el espacio construido, un tema en auge en los círculos científicos de todo el mundo. La metodología adoptada fue la investigación bibliográfica. Como responsables de la creación de entornos que respondan a las necesidades de sus usuarios, arquitectos de todo el mundo tratan de debatir las relaciones entre las directrices arquitectónicas necesarias para construir un espacio adaptado a las personas con TEA. Teniendo en cuenta que el autismo provoca limitaciones en la percepción sensorial del individuo y de nuestros sentidos, es necesario discutir cómo entender la influencia espacial en las personas con autismo y cómo proporcionar entornos más amables con sus necesidades sensoriales. A pesar de la evidencia de la importancia del ambiente para el aprendizaje de las personas autistas, la ley no orienta ni menciona la adaptación del espacio físico. El objetivo de este artículo es identificar, a la luz de la Sintaxis Espacial, teoría que estudia la configuración de los espacios físicos y su influencia en las relaciones que se establecen en ellos, los criterios arquitectónicos utilizados en el diseño de espacios de aprendizaje para personas con TEA y cómo estos criterios se configuran en los proyectos analizados.

Palabras clave: Espacio físico. Adaptación. Trastorno del Espectro Autista (TEA). Inclusión.

INTRODUÇÃO

Este artigo caracterizou-se pela abordagem entre a temática das relações da organização social e a organização do espaço. Como intuito de visualizar o teor destas relações, tem-se o edifício físico projetado para pessoas dentro do espectro autista. A escola é alvo de investigação científica em vários aspectos que vão desde o seu caráter histórico, pedagógico, tecnológico, ambiental até mesmo ao seu caráter discursivo.

O autismo é um transtorno que pode ser identificado nos primeiros anos de vida e pode ser manifestado com diferentes graus, podendo ser categorizado como leve, médio e grave. Esse transtorno atinge cerca de 8 a cada 10 mil indivíduos, sendo sua incidência maior no gênero masculino (GARCIA; MOSQUEIRA, 2011). No Brasil, estima-se que existam cerca de 2 milhões de pessoas com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), entretanto, esse número não é confirmado, uma vez que tal levantamento não é abordado por pesquisas realizadas por órgãos governamentais.

Porém, essa é uma realidade que está em mudança, através da ratificação da Lei 13.861/2019 (BRASIL, 2019), intitulada como Lei Romeo Mion, a partir de 2020 será inserido no Censo o levantamento do número de pessoas com TEA no país. Apesar de muitas especulações, não se conhece ainda o que causa efetivamente o Transtorno do Espectro do Autismo, sabe-se

apenas que sua etiologia deriva de fatores multicausais (GUEDES; TADA, 2015).

O TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA) NO AMBIENTE ESCOLAR

Dentro do âmbito científico há várias hipóteses indo do campo das causas psicoafetivas, onde trata a possível relação indisposta da criança com o meio (GUEDES; TADA, 2015), até as causas neurobiológicas, alegando ter causa em condições genéticas, prejuízos em regiões neurológicas, entre outros fatores (GARCIA; MOSQUEIRA, 2011).

Os sintomas que são considerados típicos do autismo, ocasionados pelas disfunções cognitivas, como a dificuldade na comunicação verbal e não verbal e comportamentos estereotipados causam prejuízo social, dificultando muitas vezes a interação com outros indivíduos (DRUMMOND et al., 2002). Embora a causa do autismo ainda seja desconhecida, sabe-se que o ambiente em que a criança com TEA se encontra pode distraí-la ou perturbá-la, uma vez que tais indivíduos estão sujeitos aos estímulos sensoriais (DELECATO, 1974 apud ALBUQUERQUE et al., 2019).

Para as crianças com TEA a reação ao espaço físico pode ser tanto positiva, tornando sua vivência mais agradável, quanto negativa, que poderá estressá-la ou retraí-la. Um dos ambientes em que a criança com TEA pode se sentir acuada e incomodada é o ambiente escolar, pela sujeição do contato social, ruídos e diversos outros fatores estressantes para elas.

Entretanto, é de extrema importância que a criança frequente o ensino regular para seu desenvolvimento social e cognitivo. Para que todas as crianças possuam acesso igualitário a educação é obrigatória a matrícula dos indivíduos com TEA após a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008).

De acordo com o manual de orientação elaborado pelo Ministério da Educação, todos os alunos que são considerados públicos alvos da Educação Especial devem ser matriculados no ensino regular, sendo eles: alunos com deficiência de natureza física, intelectual, mental ou sensorial; com transtornos globais do desenvolvimento; e que possuem altas habilidades e superdotação (DUTRA; SANTOS; GUEDES, 2010).

Os referidos alunos recebem atendimento educacional especializado no contraturno em que estão matriculados, em salas de recursos multifuncionais. Esses ambientes estão localizados na própria escola ou em escolas polos. As salas devem possuir equipamentos, acessibilidade e materiais pedagógicos adequados visando a eliminação de barreiras e promovendo a escolarização, a fim de proporcionar a independência desses alunos tanto no ambiente

educacional quanto no social.

Para que o ambiente escolar auxilie no processo de aprendizado deve ser projetado um espaço que altere favoravelmente as informações sensoriais, tornando o ambiente mais benéfico para o seu desenvolvimento (MOSTAFA, 2008). Além disso, sabe-se que a escola é um dos lugares que as crianças passam a maior parte do seu tempo, sendo assim, é necessário que haja grande atenção na elaboração desses locais. Cada indivíduo tem uma percepção distinta em relação ao ambiente, gerando um significado particular em relação às suas vivências pessoais e sentimentos para com o espaço (ELALI, 2009).

A percepção ambiental provoca a assimilação dos elementos considerados chaves no local com as experiências vividas pelos usuários, assim, esses elementos podem ser utilizados como uma ferramenta para a comunicação entre as pessoas, contribuindo na relação pessoa-ambiente (ELALI, 2009). Para crianças com o TEA é muito importante que os espaços arquitetônicos oferecidos a elas proporcionem sensações de bem-estar e conforto. Segundo Albuquerque et al. (2019), para que os espaços se tornem funcionais e eficientes é importante que não sejam elaborados baseados apenas em normas e diretrizes de acessibilidade, mas também por meio de observações das necessidades e características dos usuários, até porque tais normativas focam mais em limitações físicas, não se debruçando sobre os transtornos mentais e sua interação mais profunda com o ambiente.

Visto que a Psicologia Ambiental é uma abordagem interdisciplinar que estuda as relações bidirecionais pessoa-ambiente, ter o conhecimento dessa área auxilia o projetista a criar espaços melhores, permitindo proporcionar ao usuário experiências positivas e facilitadoras (ELALI, 2009; BERNARDINO, 2017). Apesar da acessibilidade no ambiente físico ser um dos critérios essenciais para a adaptação das salas de recurso multifuncionais, como a presença de rampas e sinalização tátil, diretrizes que levam em consideração o aspecto psicológico do ambiente não são abordadas nessas normativas. A maneira com que se dispõem os mobiliários, a falta do conforto lumínico e acústico podem atrapalhar no bem-estar dos usuários e em seu aprendizado, visto que esses critérios não são abordados nas cartilhas para a adaptação de salas de recursos multifuncionais. Deste modo, esta pesquisa pretende contribuir com a discussão sobre a qualidade das salas de recursos multifuncionais, propondo diretrizes projetuais, visando auxiliar na construção de espaços mais adaptados às crianças com TEA.

Entretanto, os estudos que relacionam o discurso arquitetônico para a concepção de espaços de aprendizagem voltados para pessoas autistas e as relações entre seus usuários e o

ambiente ainda são pouco explorados, visto que até a década de 1950 o autismo ainda era diagnosticado como subgrupo da esquizofrenia infantil. De acordo com Szpeleta e Rockwell (1986) o sistema escolar é responsável pela atribuição das funções e organizações espaciais, diferenciando e hierarquizando os ambientes de acordo com as funções exercidas e com o público utilitário.

Baeza (2010) ressalta que a Arquitetura não é apenas obra do homem, como também é produto construído para atender às suas necessidades. Tendo em vista essa ideia, espera-se que, para que o conteúdo da Arquitetura atenda ao ser humano, é necessário conhecer a fundo as suas necessidades, a fim de que o espaço construído possa ser por ele utilizado em todo o seu potencial. Isso é de suma importância principalmente quando se leva em consideração o universo de diferenças físicas, emocionais, psicológicas, sensoriais e neurológicas refletidas no ser humano.

Por isso é imprescindível levar em consideração as necessidades e diferenças dos usuários de um edifício. As pessoas que possuem o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) apresentam características específicas, dentre elas a dificuldade de organização das informações dos estímulos sensoriais captados no ambiente, podendo provocar uma hiporreatividade ou hiporreatividade a um determinado estímulo do local. Sendo assim, é importante que esses estímulos sejam dosados almejando o conforto do usuário.

No caso dos ambientes escolares, além de reduzir o estresse ambiental, a dosagem dos estímulos é importante para evitar distrações e assim auxiliar na concentração do aluno. Visando tais informações, para o desenvolvimento do trabalho foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais. Visou-se através do embasamento teórico adquirir informações necessárias para o desenvolvimento do projeto de reforma para a Sala de Recursos Multifuncionais selecionada.

Através das pesquisas bibliográficas, almejou-se a obtenção de informações a respeito de assuntos relacionados ao Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) no ambiente escolar, com foco nas Salas de Recursos Multifuncionais, tendo como intuito a compreensão da influência do ambiente construído nos usuários e como o espaço físico pode proporcionar bem-estar e assim, conseqüentemente, se transformar em um facilitador no processo de aprendizagem.

METODOLOGIA

A finalidade de um processo investigativo é o esclarecimento de problemas ou dilemas

experimentados ou teóricos. Para tanto, são mobilizados métodos de caráter científicos, os quais envolvem um conjunto de técnicas e procedimentos específicos. Por conseguinte, o tipo de investigação a ser desenvolvida é definido pelo problema em foco de investigação.

A pesquisa articula-se também à capacidade de investigação, a curiosidade sobre algo. Severino (1993, p. 109),

Defende que em pesquisa deve haver total envolvimento pessoal do pesquisador, sem deixar de cumprir às exigências metodológicas, ou seja, é um exercício pessoal no entendimento que “qualquer pesquisa, em qualquer nível, requer do pesquisador um abraçamento tal como seu objetivo de análise passe a fazer parte de sua vida.

O enfoque realizado neste estudo, classifica a pesquisa como descritiva. Conforme Moreira e Caleffe (2006) este tipo de pesquisa envolve várias técnicas ou métodos para a solução de problemas. Esses problemas podem ser resolvidos, ou seja, por meio deste tipo de estudo, após observação, análise e descrição é possível o desenvolvimento de uma proposta de prática diferenciada que apresente a solução do problema em questão.

Gil (2002) conceitua a pesquisa descritiva, como o tipo de pesquisa que tem por objetivo descrever as características de uma população ou fenômeno. De acordo com Moreira e Caleffe (2006, p.70) as pesquisas descritivas têm por objetivo estudar: [...] as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental. O nível de atendimento dos órgãos públicos de uma comunidade, as condições de habitação de seus habitantes, o índice de criminalidade. A existência de associações entre variáveis [...].

Desta forma a pesquisa foi caracterizada como descritiva com abordagem quantitativa, que conforme Miranda de Alvarenga (2014, p.09): [...] logo ao apresentar o problema estabelece-se as relações das variáveis a estudar, se caracteriza pela medição das mesmas e o tratamento estatístico das informações. Seu objetivo é descrever ou explicar as descobertas. Trabalha geralmente com amostras probabilísticas, cujos resultados tem a possibilidade de generalizar-se à população em estudo, da qual se extraiu uma amostra para estudar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O espaço que o estudante permanece recebendo ao atendimento que realmente o atinja precisa ser organizado de forma que atenda suas necessidades imediatas ao que a escola possa oferecer. Espaços que estimulem sensorialmente as crianças em terapias pedagógicas e dentro das suas necessidades como TEA.

A sala precisa ter um ambiente de alto estímulos, atividades, cores, objetos e estímulos visuais que podem oferecer, assim como os ambientes sociais. Estes ambientes também não requerem necessariamente que a criança esteja em um nível de estímulo baixo para realizar suas atividades. No modelo a seguir o espaço foi organizado pedagogicamente, levando em conta poucos estímulos com cores, ou seja um ambiente mais limpo.

Figura 1: Arrumação da sala para estudantes autistas



Fonte: Pesquisa de Campo, 2023.

Observe na foto acima, cores neutras mobiliário preciso com pouca distração. No caso esse espaço seria a interação professor -aluno, no início da aula e em momentos de fornecimento de informações diretas, onde os estudantes devem permanecer sentados com a atenção voltada para o quadro.

Foto de sala de aula, turma de Classe Especial, ou seja, de acordo com este modelo, ainda podemos mencionar outro raciocínio que nos mostra que "a pessoa deficiente é que precisa ser respeitada em sua individualidade, tratada, reabilitada, habilitada, a fim de ser adequada à sociedade como ela é, com as modificações necessárias" (SASSAKI, 1997).

Alguns estudos foram pesquisados para este artigo, sendo que encontramos na dissertação de mestrado da psicóloga Araci Nallin uma análise séria e profunda da prática institucionalizada no interior de um desses serviços caracterizados como centro de referência. Dentre suas conclusões, destacaremos a seguinte:

Se, por um lado, o discurso dominante em reabilitação enfatiza a necessidade de se explorar as capacidades naturais do estudante, por outro lado, a sua análise revela um enfoque no distúrbio, na deficiência. E o modelo que respeita esses limites aplicado à sua melhor habilitação. Existe o diagnóstico, o tratamento da integração social das pessoas deficientes pudesse ser resolvida por uma operação, uma prótese, ou seja lá o que for. (NALLIN, 1994, p. 171).

Diante das discussões sobre a questão da inclusão de pessoa com deficiência na

educação regular, surge a importância de refletirmos melhor sobre dois conceitos: integração e normalização. Integração é uma ideia que surgiu da luta para superar a condição de exclusão social a que foram submetidas as pessoas deficientes durante muitos séculos. A exclusão se dava no sentido mais amplo e total, sendo que as pessoas que portassem qualquer tipo de deficiência eram permanentemente excluídas da sociedade e obrigadas a se adaptar o que era proporcionado, e criado para sociedade comum.

. É interessante notar que o projeto posiciona a sala sensorial como uma das primeiras salas do setor pedagógico e a sala de escape como uma das últimas salas do setor pedagógico. E entre elas, um longo espaço de circulação que auxilia a regulação sensorial. Desta forma, temos um zoneamento que distribui o ambiente de maior estímulo sensorial como ambiente mais raso, e o ambiente que em caso de necessidade regula o excesso de estímulos como ambiente mais profundo da configuração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo se debruçou sobre os discursos e recomendações arquitetônicas e organizacionais quanto ao projeto voltado para pessoas dentro do espectro autista e analisou o texto na configuração das escolas e espaços de aprendizagem projetados para o autismo, buscando aproximar este texto aos critérios arquitetônicos recomendados pelas duas correntes que abordam o tema, aproximando a configuração espacial das escolas também ao modelo longo abordado por Hillier e Penn (1991).

Foi realizada uma associação entre as prescrições de espaço e ambiente, prezadas pelas teorias e as características mensuráveis pela Teoria da Sintaxe Espacial. Foi visto que a associação destas teorias ao modelo longo se deve às suas prescrições de produção de espaços formais e a necessidade de regras de uso para facilitar a navegação, conformação, segurança e o entendimento do espaço para as pessoas autistas.

Durante o trabalho desenvolvido nas escolas foi possível notar maior interesse tanto por parte das famílias quanto do estudante em permanecer no ambiente de sala de aula número de exemplares disponíveis de espaços escolares especialmente projetados para atender as demandas autistas. Muito do material encontrado pela internet dizia respeito a escolas adaptadas em espaços preexistentes, o que não se adequava a ideia da pesquisa, visto que o texto da configuração do espaço com os estudantes TEA.

Esta situação levanta a especulação de que grande parte dos espaços que acolhem

atividades de aprendizagem para este público são espaços de ordem neurotípica que são, a medida do possível, adaptados para esta demanda. Isto abre portas para que outras pesquisas possam avaliar como estes espaços e as relações sociais se modificam e como se aproximam das teorias abordadas.

Os valores de conectividade e integração obtidos nessa análise, apesar de comparados apenas entre si, demonstram-se superiores às médias encontradas nas escolas neurotípicas dos estudos de Loureiro (2000) e Garcia (2016). Isto abre espaço para futuras análises configuracionais entre as escolas neurotípicas e as escolas projetadas para autistas.

Foi verificado que algumas recomendações como, por exemplo, questões de monitoramento sem interferência e compartimentalização precisam ser adotadas com precaução, já que estas escolas devem oferecer independência e fácil navegação para os seus estudantes. A independência pode ser prejudicada através de uma configuração que enfatiza o monitoramento, e uma configuração que se prende demais à navegabilidade previsível e gradual como, por exemplo, em grandes corredores retilíneos, perde em geração de encontros inesperados e na promoção da co-presença e co-ciência, dando também aos alunos a oportunidade de estabelecer relações sociais ao longo do seu trajeto.

Percebeu-se que nas escolas que mais se aproximam do modelo longo flexível e consequentemente, da Teoria do Design Sensorial, existem espaços de circulação ou de lazer e permanência próximos às salas de aula, o que facilita o monitoramento, mas também promove interação entre os alunos.

A setorização bem definida na maior parte da amostra revela proximidade com o modelo longo e consequentemente, com a estrutura espacial e organização e consequentemente maior envolvimento do educando nas atividades propostas. Dentro do espectro da escola para autistas, a setorização mais do que organização espacial, tem relevante função na navegação da pessoa autista.

Lind *et al.* (2013) afirma que indivíduos no TEA apresentam” habilidades de navegação baseadas em pesquisa, isto é, têm dificuldades para gerar mapas cognitivos do ambiente” (LIND *et al.*, 2013, p.1, tradução nossa). Isso sugere que ambientes com maior mistura de atividades e setores pode prejudicar no mapeamento cognitivo do ambiente, ainda que não haja pesquisas realizadas neste campo. Por isso a Teoria do Design Sensorial recomenda a setorização bem definida nos projetos voltados para pessoas autistas.

Os resultados alcançados na análise das escolas indicam tendências de características e

padrões espaciais ligados às duas correntes arquitetônicas, de modo que nenhuma apresentou características de apenas uma das correntes. Isto indica um paradoxo em nível de discurso. Discursos antagônicos sobre a produção do espaço que geram configurações híbridas entre si. E isto criou, em nível de modelo, um espectro capaz de compreender características espaciais igualmente antagônicas.

As propriedades ligadas à estruturação espacial, tanto no tocante a maior profundidade da estrutura quanto ao formato em árvore são comuns nas escolas analisadas. Isto sugere uma maior recorrência de padrões ligados às estruturas mais formais e tradicionais de escolas neurotípicas já analisadas por Loureiro (2000) e Garcia (2016). Do mesmo modo, há uma forte tendência de presença de zoneamento sensorial e espaços de escapes, essenciais em espaços direcionados para o público autista.

A presença destes ambientes se dá inclusive nas escolas mais próximas à Teoria Neurotípica. Isto sugere incoerências entre o texto e a configuração, pois se a premissada teoria é a reprodução de espaços neurotípicos, esses ambientes não são frequentemente encontrados no cotidiano típico. Considera-se que a recorrência destes espaços em todas as escolas aponta uma possível fragilidade de discurso, onde na materialidade do cotidiano, estes ambientes podem ser imprescindíveis para a realização das atividades educacionais.

A ausência de características projetuais ligadas que sigam exclusivamente a uma das teorias abordadas levanta um questionamento: este resultado se dá simplesmente pela falta de conhecimento dos arquitetos e administradores escolares quanto à existência destas ou pela diferença manifestada entre teorias e a prática? Será que apenas as características preconizadas por uma delas realmente cabem na realidade escolar e terapêutica do autismo?

Pomana (2014) especula que ao invés de se fechar em uma abordagem em detrimento da outra, seria necessário esforços para combinar estas características em um único método arquitetônico. De fato, o presente estudo indica que, configuracionalmente, já existe uma combinação de características espaciais referentes às duas teorias.

Talvez esta aproximação não tenha sido feita ainda em nível terapêutico e/ou práticas educacionais nas escolas. O autor defende ainda que uma teoria pode complementar a outra, já que, os ganhos de uma, poderiam ficar limitados apenas ao tipo de ambiente que ela configura. Se combinados, o autista teria mais familiaridade e facilidade de lidar com os dois tipos de ambientes.

Fica claro que igualmente tão complexo quanto o autismo, que para contemplar todos os

seus aspectos se é necessário falar em espectro, a arquitetura voltada para este público também não cabe em diretrizes únicas e rígidas. A flutuação das características socio-espaciais entre os textos das duas abordagens arquitetônicas indica a improbabilidade de um enquadramento completo em apenas uma das teorias, apontando que o paradigma da configuração escolar transpõe o discurso arquitetônico. Isso nos traz à reflexão que ao se falar em projeto escolar voltado para pessoas autistas, há também a necessidade de se contemplar um espectro, visto que para lidar com um fenômeno humano tão complexo quanto o autismo, não é suficiente a redução da arquitetura do modo que propõem as teorias.

Os protocolos avaliativos baseados no programa TEACCH auxiliam a equipe transdisciplinar a monitorar o programa individual dos alunos, permitindo discussões das diferentes especialidades, reunidas com o propósito de abranger o maior número de áreas a serem trabalhadas. As reuniões mensais de avaliação dos programas, realizadas nessa instituição, enriquecem o conhecimento de cada membro da equipe e fortalece o sentido do trabalho transdisciplinar.

Conclui-se que o trabalho terapêutico de pessoas com autismo é o de ver o mundo através de seus olhos, e usar esta perspectiva para ensiná-las a funcionarem inseridas na cultura de forma mais independente possível. Enquanto não se podem curar os déficits cognitivos subjacentes ao autismo, é pelo seu entendimento que planejamos programas educacionais efetivos na função de vencer o desafio deste transtorno do desenvolvimento tão singular.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

_____. **Cartilha do Censo 2010 - Pessoas com Deficiência** / Luiza Maria Borges Oliveira/ Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) / Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD) / Coordenação- Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência. Brasília: SDH- PR/SNPD, 2010.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

_____. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. MEC/SEESP, 2001.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Brasília, 1990.

GARCIA, Vinícius Gaspar. **Educação inclusiva, diversidade e cidadania**. Seemore at: Disponível em: http://brasildebate.com.br/educacao-inclusivadiversidade-cidadania/#sthash.x3qNiGUw.dpuf_ Acesso em 27/09/2021.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A.C. **MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA SOCIAL**. 6ª Edição. São Paulo, Editora Atlas SA-2008, 1999.

MOSTAFA, Magda. An architecture for autism: Concepts of design intervention for the autistic user. **International Journal of Architectural Research**, [S.l], v.2, 2008.

MOSTAFA, Magda. Architecture for autism: Autism ASPECTSS in School Design. **ArchNet-IJAR**, v. 8, n. 1, 2014.

SASSAKI, R. K. **Inclusão – Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Causa, impedimento, deficiência e incapacidade, segundo a inclusão. **Revista Reação, São Paulo, ano XIV**, n. 87, p. 14-16, 2012.